

PESQUISA NA PÓS-GRADUAÇÃO
STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO
dez (10) anos do PPGE da Unochapecó



Tania Mara Zancanaro Pieczkowski
Leonel Piovezana
Ivo Dickmann
(Orgs.)

PESQUISA NA PÓS-GRADUAÇÃO
STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO
dez (10) anos do PPGE da Unochapecó


ARGOS
Editora da Unochapecó
Chapecó, 2022



Presidente
Vincenzo Francesco Mastrogiacomo

Vice-Presidente
Ivonei Barbiero



Reitoria

Reitor: Claudio Alcides Jacoski
Pró-Reitora de Graduação e Vice-Reitora: Silvana Muraro Wildner
Pró-Reitora de Pesquisa, Extensão, Inovação e Pós-Graduação: Andréa de Almeida Leite Marocco
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Márcio da Paixão Rodrigues
Pró-Reitor de Administração: José Alexandre de Toni

Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação *Stricto Sensu*: Vanessa da Silva Corralo

Este livro ou parte dele não podem ser reproduzidos por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

P472p Pesquisa na Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação:
dez (10) anos do PPGE da Unochapecó – Tania Mara Zancanaro
Pieczkowski, Leonel Piovezana e Ivo Dickmann [Orgs.]. –
[recurso eletrônico] / – Chapecó, SC: Argos, 2022.
380 p.: PDF [e-Book]. il. (color); – (Perspectivas; 65) –

Contém bibliografias
ISBN: 978-65-88029-70-1

1. Educação contemporânea. 2. Educação inclusiva.

CDD: Ed. 23 -- 370

Catálogo elaborada por Gabriella Joana Zorzetto CRB 14/1638
Biblioteca Central da Unochapecó



Todos os direitos reservados à Argos Editora da Unochapecó

Servidão Anjo da Guarda, 295-D – Bairro Efapi – Chapecó (SC) – 89809-900 – Caixa Postal 1141
(49) 3321 8218 – argos@unochapeco.edu.br – www.unochapeco.edu.br/argos

Coordenadora: Rosane Natalina Meneghetti

Conselho Editorial

Titulares: Clodoaldo Antônio de Sá (presidente), Cristian Bau Dal Magro (vice-presidente),
Rosane Natalina Meneghetti, Andréa de Almeida Leite Marocco, Cleunice Zanella,
Hilario Junior dos Santos, Vanessa da Silva Corralo, Rodrigo Barichello, André Luiz Onghero,
Circe Mara Marques, Gustavo Lopes Colpani, Odisséia Aparecida Paludo Fontana,
Andrea Díaz Genis (Uruguai), José Mario Méndez Méndez (Costa Rica), Suelen Carls (Alemanha).
Suplentes: Maria Assunta Busato, Rodrigo Oliveira de Oliveira, Josiane Maria Muneron de Mello,
Reginaldo Pereira, Idir Canzi, Márcia Luiza Pit Dal Magro.

Sumário

| clique no título para acessar o artigo |

Prefácio

Odilon Luiz Poli

Apresentação

Tania Mara Zancanaro Pieczkowski

Leonel Piovezana

Ivo Dickmann

PARTE 1

FORMAÇÃO DE PROFESSORES, CURRÍCULO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Ser professor no século XXI: encantos e desencantos

Giovana Boicko

Circe Mara Marques

Odilon Luiz Poli

Currículos da educação básica: contexto e trajetória de elaboração

Andreia Stochero Binelo

Marilandi Maria Mascarello Vieira

Sumário

| clique no título para acessar o artigo |

O papel dos professores na (re)construção curricular: entre a alienação e o protagonismo docente

Jussani Derussi

Marilandi Maria Mascarello Vieira

Elcio Cecchetti

Aproximações da didática freiriana com a abordagem do *Design Thinking*

Gisele dos Santos

Ivo Dickmann

(Im)possibilidades da educação no sistema prisional

Camila Lorenzoni

Ireno Antônio Berticelli

Experiências vividas pelos docentes no Centro de Atendimento Socioeducativo

Marcilei da Silva Bender

Ireno Antônio Berticelli

Sumário

| clique no título para acessar o artigo |

Campo científico e o *habitus* de pesquisador

Daiana De Nez Moura

Elcio Cecchetti

PARTE 2

DIVERSIDADE, INTERCULTURALIDADE E EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A educação na Colônia Porto Novo: das escolas paroquiais às escolas públicas

Carine Kaufmann

Cláudia Battestin

Desde nós mesmos: a cultura cabocla do oeste catarinense pelas vozes da nossa gente

Maria de Souza

Lucí Teresinha Marchiori dos Santos Bernardi

Jorge Alejandro Santos

Educação inclusiva na mudança do paradigma da epistemologia clássica

Jesse Budin

Leonel Piovezana

Sumário

| clique no título para acessar o artigo |

A importância das adaptações curriculares na inclusão escolar dos estudantes com deficiência intelectual

Vania Salete Cassol Daga

Leonel Piovezana

Inclusão de estudantes com deficiência intelectual na educação superior e processos de subjetivação

Juliane Janaina Leite Brancher

Tania Mara Zancanaro Pieczkowski

Pais ouvintes, filhos surdos: os efeitos da surdez na família

Taise Dall'Asen

Tania Mara Zancanaro Pieczkowski

Educação infantil na contemporaneidade: lugar de experiência e afirmação das infâncias

Cleonice Lazzarotto

Circe Mara Marques

Lucí Teresinha Marchiori dos Santos Bernardi

Sumário

| clique no título para acessar o artigo |

A literatura infantil enquanto possibilidade de diálogo intercultural

Evanete Antunes Ferreira

Cláudia Battestin

Sobre os autores

Créditos

Desde nós mesmos: a cultura cabocla do oeste catarinense pelas vozes da nossa gente*

Maria de Souza

Lucí Teresinha Marchiori dos Santos Bernardi

Jorge Alejandro Santos

Introdução

Almejando a compreensão do “ser caboclo” na região Oeste de Santa Catarina, Brasil, este estudo foi desenvolvido com o intuito de “dizer” essa cultura nesse contexto. É uma tentativa de superar reducionismos e analisar essa etnia¹ positivamente (Marcon, 2003). A cultura cabocla se forma no entrecruzamento de muitos e gera um novo modo de manifestar-se no mundo. Não podemos atribuir ao caboclo

* Este texto foi parcialmente publicado na *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, em dezembro de 2020.

1 Do grego – *étnos*, pessoas que partilham dos mesmos costumes, modos de ser e fazer. Compreendemos que o caboclo se constitui a partir de um reconhecimento enquanto comunidade que se construiu nos primeiros processos de colonização da região Oeste catarinense, fazendo-se como um grupo social/étnico que se diferencia dos demais.

apenas características dos povos indígenas ou afrodescendentes. Tão pouco, aquelas de ascendência europeia, já que todos esses elementos são ressignificados, nessa cultura.

Este texto emerge de um estudo documental ancorado no portfólio de entrevistas do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM). A escuta dos caboclos foi realizada por esse museu, no ano de 2006, através do projeto “Caboclos e novas etnicidades no Oeste catarinense”, que teve o objetivo inventariar e salvaguardar aspectos da cultura imaterial cabocla dessa região. As entrevistas foram gravadas e totalizam quase mil páginas transcritas, disponíveis no Banco de Dados do Centro de Documentação do CEOM. O acervo revela a fala dos caboclos sobre sua cultura, através de entrevistas que potencialmente preservam sonoridades, “sotaques”, palavras próprias de um modo de se expressar verbalmente, singularizado por esse grupo de pessoas que seguem experimentando a vida e conferindo a ela suas próprias tonalidades (CEOM, 2008). Nesse cenário, 43 entrevistas do portfólio constituem o *corpus* de documentos investigados no estudo que aqui apresentamos, que objetiva elencar elementos da cultura cabocla regional que mobilizam o (re)conhecimento do “ser caboclo”.

Amparamo-nos em Moraes e Galiazzi (2016), para a análise das entrevistas, através da análise textual discursiva (ATD). Essa metodologia proporciona a construção de novos sentidos para um texto já construído. Ancorado nesse método de análise, este estudo emerge a partir de três passos: primeiro, a leitura e fragmentação dos textos; segundo, a construção de unidades de sentido, buscando retratar aspectos culturais dos caboclos que, de algum modo, os diferenciam de outras culturas; terceiro, o processo de categorização para as unidades de sentido, numa descoberta emergente.

O estudo proporcionou a organização de três categorias: a compreensão de que a forma como essa etnia se expressa e vive apresenta uma forte relação com os *ensinamentos de São João Maria*², pois é possível relacionar falas de diferentes contextos ao que o monge ensinava; um olhar para *a coletividade*: as formas de vida dos caboclos se concentravam na vivência em grupos e diversas manifestações se englobam no fazer coletivo; uma maneira de *reconhecer-se caboclo*, que oportuniza enunciar as suas características e desenvolver a sua diferença cultural. Tendo como aporte teórico Canclini (2015), Kuper (2002), Hall (2000), Bhabha (1998), Castells (1999) e Bourdieu (1996), em um diálogo com Renk (2004) e Marcon (2003), consideramos que o contexto histórico tem marginalizado essa etnia que vê suas formas de vida serem esquecidas com o tempo, assim, buscamos oportunizar o (re)conhecimento e valorização da cultura cabocla do Oeste de Santa Catarina.

Identidade cabocla e o monge São João Maria

O cenário das falas dos entrevistados oportuniza compreender que para a maioria dos caboclos, São João Maria se revela como alguém que os representa. O monge faz parte de um imaginário histórico e cultural, como apresentamos, na sequência. “São João Maria foi

2 A nomenclatura “São João Maria” foi atribuída por populares da região e faz referência ao primeiro monge que peregrinou pela América, a partir do ano de 1844, sendo seu nome de origem João Maria de Agostini. Neste texto, diferenciamos a ele de seus seguidores e quando nos referimos ao monge e às suas influências na identidade cabocla, nos reportamos à figura de João Maria de Agostini, conhecida e compreendida, no meio caboclo, através da história oral.

um santo monge, ele só falou a verdade, ele contou pro povo o que nós tá vendo hoje.” (Rita Fernandes da Silva, 78 anos – Chapecó)³.

João Maria de Agostini, segundo Karsburg (2012), foi um eremita vindo da Itália que desembarcou na cidade do Rio de Janeiro, no dia 19 de agosto de 1844, declarando-se como “solitário eremita a serviço de seu ministério”, afirmando habitar nas “matas”. Foi registrado no cartório de Sorocaba/São Paulo, no dia 24 de dezembro de 1844. Tinha, então, 43 anos de idade e, segundo os registros, *aleijado*⁴ de três dedos da mão esquerda. A pesquisa Karsburg (2012) apresenta os trajetos percorridos pelo monge, os quais perpassam quase toda a América e, segundo o autor, ele teria falecido no Meio Oeste dos Estados Unidos, na década de 1860.

Assim, a figura de São João Maria, conhecida, em meio aos caboclos, como um profeta de Deus e as crenças nele depositadas fazem parte de um imaginário que não é só mitológico. É a construção de uma história que foi passada de geração a geração e constitui a formação social, cultural e identitária dos caboclos da região em estudo.

Na história popular, há algumas controvérsias sobre fatos como a verdadeira imagem do monge e suas profecias: alguns anunciavam que ele iria se retirar e muitos seguiriam seu legado; outros diziam-se enviados de São João Maria e, inclusive, mudavam de nome para assemelhar-se com a figura do monge, como é o caso

3 As falas utilizadas neste estudo fazem parte do acervo de entrevistas. Portanto, preservamos a transcrição, ao modo desenvolvido pelo museu.

4 Como o referido autor explica, ser *aleijado* não significava a falta dos dedos, como se pode pensar. Ao que se pode concluir, seria uma deficiência em três dedos da mão esquerda.

de José Maria de Jesus, que ficou conhecido pela sua atuação na Guerra do Contestado e muitas vezes é confundido com o próprio São João Maria. Os relatos dos caboclos condizem com as constatações das pesquisas sobre o tema: “João Maria foi um santo monge, não aquele João Maria de história que tem aí, São João Maria ele caminhou a muitos anos, minha avó falou com ele, ele era um santo monge que aparecia e desaparecia [...]” (Rita Fernandes da Silva, 78 anos – Chapecó, grifos nossos). Nas imagens que seguem é possível visualizar os dois monges.

As pesquisas desenvolvidas sobre o assunto ajudam na compreensão desse fator, pois indicam que outros monges seguiram São João Maria. Segundo Marcon (2003), dentre eles estavam Anastás Marcaf, de origem francesa, que atuou na região, por volta de 1905 e Miguel Lucena de Boaventura, que ficou conhecido como José Maria, participante da organização do movimento do Contestado. Segundo Welter (2007), a fotografia de José Maria teria sido reproduzida por fotógrafos da região e vendida para caboclos e indígenas como sendo do *Profeta* João Maria, o que gerou uma certa confusão em relação à imagem. No entrelaçamento com a figura de São João Maria, compreende-se que os saberes caboclos se correlacionam com a religiosidade relacionada a João Maria de Agostini e aos seus ensinamentos.

Figura 1 – José Maria. Cópia encontrada em Campo Belo do Sul



Fonte: autorias e datas incertas.

Figura 2 – João Maria. Fotografia feita em Las Vegas, no ano de 1867



Fonte: Arquivo da Universidade do Novo México, Coleções Especiais. Foto sob o negativo n. 10777. Reprodução: Karsburg (2012).

Existe uma semelhança muito forte em relação ao modo como os caboclos expressam sua forma de pensar e os ensinamentos de São João Maria descritos pelas pesquisas. É possível fazer uma comparação entre o que eles dizem sobre os aspectos vivenciados no cotidiano, o modo como deveriam ser e fazer e os ensinamentos desse monge, a partir dos versos escritos por Florêncio Rodrigues França, intitulado “Vida e ensinamentos de São João Maria” (Felippe, 1995, p. 41ss *apud* Welter, 2007):

32	33
E assim o santo monge	Que o povo o bem fizesse
De vagá ia caminhando	É o que sempre repetia
Seu destino ia tecendo	Este era o Mandamento
Pela estrada ia sonhando	Pelo quar sempr.insistia

A cultura cabocla se construiu, portanto, a partir dos preceitos da religiosidade popular, sem espaço na sociedade em que viviam, pois a religião tomada como legítima era a católica. Mesmo que João Maria pertencesse a essa mesma religião, o modo como se relacionavam com seus ensinamentos fugia aos padrões estabelecidos pela instituição, e a religiosidade popular não era considerada válida.

Nesse sentido, os batizados das crianças realizados em casa, muitos dos quais feitos pelo próprio monge, não eram válidos aos olhos da Igreja. Quando um padre passava na região, eles tinham que batizar seus filhos novamente. Renk (2004) trata essa diferença na religiosidade como uma identidade faccional, pois, ao mesmo tempo que eram também da religião católica, desenvolviam-na de forma diferente dos colonos.

Outro aspecto relacionado ao monge se mostra na relação com a natureza, de modo que distingue os caboclos dos colonos da região

Oeste catarinense. É possível visualizar essa relação diferenciada com a natureza, nos escritos que são tidos como os mandamentos de São João Maria e também são expressos em versos.

11

- Toda arve que se corta
Não é bom dexá mamando,
Ela fica padecendo
O que é nosso, se atrasando...
(FELIPPE, 1995, p. 41ss *apud* WELTER, 2007).

12

- Quem judia das criação
É quem faz maió pecado;
Quem martrata o bicho bruto
É deiz veiz mais condenado...
(FELIPPE, 1995, p. 41ss *apud* WELTER, 2007).

Embora os aspectos relacionados à natureza possam ter sido aprendidos com a miscigenação com os povos indígenas, nas manifestações caboclas, esses se modificam e constituem uma nova cultura que se desenvolve também a partir dos ideais do monge.

Eu aprendi muitos remédios, muitos remédios, eu até tenho ali uma madeira que eu trouxe de muito longe, que é remédio e a turma dão rizada, se tá com dor de cabeça ou tá meio qualquer coisa digo *você vai ali naquela arvinha [árvore] e pega 3 folhas mas tem que pedir o nome, chega lá e pedir seu pica pau eu vim buscar 3 folhas pra mim curar a dor que tá doendo minha cabeça se você não pedi não arruma nada.* (João Maria Silva, 86 anos – Linha Simões Lopes/Coronel Freitas, grifo nosso).

O ato de pedir permissão para a árvore perpassa pelos valores culturais da fé e do respeito à natureza, uma expressão da sensibilidade para com a natureza, num cenário que é possível relacionar às suas compreensões sobre o ambiente natural, com aquilo que o monge ensinou. Esse modo de vida, além de dificultar o seu convívio com os imigrantes que chegaram depois, acabou por constituir o lugar social e cultural dos caboclos, pois contradizia a ideia de “progresso” incutida na região

e no país. Assim como os preceitos daqueles que foram instigados a vir, no início do século XX, para o Oeste catarinense e colonizar, ou instituir o progresso, ou melhorar a “raça”. Pois viam a forma de ser, viver e compreender dos caboclos como um modo de vida atrasado, que precisava ser superado. Esse processo ganhou ênfase com a chegada das madeiras, por volta de 1920 e 1930, de forma que a colonização na região expurgou os caboclos para as margens dessa sociedade (Marcon, 2003). Esse sistema gerou um lugar, o lugar dos caboclos, no Oeste catarinense, já que não se adequaram ao processo de “evolução” da região. Especificando geograficamente, à luz das palavras de Marcon (2003), esses sujeitos passaram a viver nas terras mais acidentadas, como a costa dos rios Uruguai e Chalana, o que desestruturou seus modos de vida. Vicente Telles expressa com angústia essa exclusão:

Então essa gente que manobrava o Brasil [...] esse tipo de malária, né?, que é a imoralidade da política, então eles faziam isso com os caboclos que eram gente de alma pura, coração puro, e mente pura e vivia em harmonia com a ordem natural do universo, vivendo das vivências da prodiga da natureza que era pinhão, caça era a fauna e a flora muito rica, né?, eles viviam para isso [...]. (Vicente Telles, 75 anos, Irani).

O lugar do caboclo passa a ser resultado da não aceitabilidade de suas concepções de vida. A perspectiva incutida na região: de progresso e capital, não permitiu que eles habitassem o mesmo lugar daqueles que dispunham da cor e da concepção de vida que os construtores do “desenvolvimento” desejavam (Castells, 1999).

Por fim, outro aspecto que revela a figura do monge na representatividade da identidade cabocla da região são os costumes e tradições. Construídos a partir de um processo que pode ser chamado

de hibridação: os costumes caboclos entrelaçam diferentes culturas e etnias, apresentando-se, também, relacionados à figura de São João Maria. Nessa construção, práticas separadas se combinam para gerar novas culturas e estruturas, pois “[...] apesar das tentativas de dar à cultura de elite um perfil moderno encarcerando o indígena e o colonial em setores populares, uma mestiçagem interclassista gerou formações híbridas em todos os estratos sociais.” (Canclini, 2015, p. 73-74). Para o autor, os países latino-americanos são resultado do entrecruzamento de diferentes tradições.

Propomos a ideia de hibridação com os processos culturais dos caboclos da região em estudo, pois também existe uma forma de importação, de tradução e construção dos seus próprios modos de vida, que se dão a partir da ressignificação de elementos de culturas de outros continentes, no entrelaçamento com aquelas nativas, como indígenas, negros e açorianos.

O fogo de chão é um aspecto que remete muito aos povos indígenas, pois a convivência com eles proporcionou que os caboclos fizessem desse modo de ser também o seu:

Mas os que moravam aqui, seriam aqueles que já haviam assimilado tudo e transmitido às gerações futuras, por exemplo, tem muito índio, você sabe por que os índios dormem com os pés voltados para o fogo de chão? É por que realmente aquecendo os pés, o resto do corpo, é uma sabedoria esse é um exemplo, e existe caboclo que mantém aquele fogo de chão, o que é que aquilo, significa... o fogo tem um significado muito grande, né? (Vicente Telles, 75 anos – Irani).

Uma vez que os caboclos aprendem com os povos indígenas e juntam com aquilo que faz parte de outras compreensões de mundo,

gerando uma nova forma de vida, compreendemos a existência de um processo de hibridismo. No aspecto dos costumes e tradições, mais uma vez, identificamos a influência de São João Maria. “Tem que pôr três punhadinho de sal em três canto da mesa, pôr em cruz no fogo, né?, *rezá, cravá* o machado pra [...] *Rezá* pra São João Maria.” (Elza Correia de Arruda, 55 anos – Barra do Rio dos Índios/Chapecó).

Também o costume dos benzimentos que permanece vivo, em meio à população do Oeste, pode estar associado a uma outra cultura, a açoriana. O texto “Terra açoriana: o legado dos Açores em Santa Catarina” (Florianópolis, 2017), apresenta estudos sobre a cultura açoriana na região de Florianópolis (SC) e explicita que as benzedeiiras, naquela região, recebem visitas diariamente de pessoas que procuram benzimentos para diversos sintomas, e que essa tradição é herança açoriana. Quanto aos caboclos da região, compreendemos que além da fé, dos costumes e da tradição, um fator que deve ser considerado é que o acesso ao médico era muito raro, nas primeiras décadas do século XX. Alguns benzimentos descritos no documento que apresenta a cultura açoriana no litoral catarinense também são expressos pelos caboclos do Oeste, em suas falas:

Bichas, quebrantes, benzo se uma criação tem mau olhado, de uma coisa assim, que Deus me livre um bicho *pegá* uma criação eu também sei benze. [...] isso aí faz o benzimento e a pessoa pode ir pra casa, agora como por exemplo o amarelão, tem um [...] e coloca no pescoço e [...] na água corrente e faz o benzimento e a pessoa tem que *ponhá* aquela coisa dentro da comida nove dias, de noite tem que *rezá* três Ave Maria... é o benzimento do amarelão. (Saturnino Gonçalves, 73 anos – Caxambu do Sul).

No entrelaçamento da biografia estudada com as falas dos entrevistados, é possível compreender as diferentes origens desses costumes que geram a cultura e a identidade cabocla do Oeste catarinense. No cenário dos costumes e tradições, revelam-se também o ato de pedir bênção para os pais e parentes próximos e os batizados em casa, sendo estes realizados também a partir dos ensinamentos do monge.

Os caboclos também desenvolviam crenças em relação ao modo de plantar, na maioria das vezes, relacionadas a um santo protetor. Seus costumes e tradições se faziam também por meio de sua religiosidade, de alguma forma, tornando-os diferentes e proporcionando legitimidade para os seus fazeres, já que não tinham espaço nas intuições “legitimadas” pela sociedade em que viviam. As particularidades étnicas caboclas se entrelaçam com fazer cultural de diferentes grupos, construindo a sua cultura a partir desse processo que pode ser chamado de híbrido. A ideia de pureza ou hierarquização não se sustenta, mas, sim, a perspectiva da construção de um novo modo de ser, de forma que enuncia essa característica como sua, desenvolvendo a diferença cultural (Bhabha, 1998).

A coletividade como essência

Dentre as características fundantes do “ser caboclo” no Oeste catarinense, como mostram os depoimentos, encontramos a coletividade. Quando contam sobre como eram suas casas, os caboclos deixam transparecer a sua relação com o outro, que era de ajuda e de comunhão. Ao dizer sobre a lavoura e a criação de animais, as festas e as brincadeiras, o trabalho com os vizinhos, era na coletividade que isso se desenvolvia.

Os outros, naquela época, um ajudava o outro, por exemplo, chegava um morador ali trazer uma coisa, fazer uma construção, todo mundo ia lá, meu pai ia construir tudo ajudava, ninguém cobrava um pila, nem que quisesse pagar, não cobravam mais também quando dependia pro lado da gente, vinham tudo. (João Diniz, 74 anos – Linha Aparecida/Itapiranga).

Para Marcon (2003, p. 248),

[...] a solidariedade e os compromissos coletivos, valores fundamentais dos modos de viver dos caboclos, encontram inspiração numa ética própria do catolicismo popular, do qual o monge é uma referência importante.

Embasados nos ensinamentos do monge, criaram um modo particular de ser que se funda na coletividade, unindo diversas culturas em sua formação social e em meio às dificuldades impostas pelo tempo em que viviam.

Em suas falas, alguns importantes exemplos: a construção de suas moradias, feitas de acordo com as possibilidades de que dispunham no momento e contando com a ajuda entre vizinhos, como é constantemente lembrado, quando um vizinho chegava, reuniam-se todos e o ajudavam e, como diz seu João Diniz, “não cobravam um pila”. Desenvolveram um modo de se organizar que é próprio de sua cultura e possibilitava as plantações ou, como eles chamam, os *rocios*, numa sistematização pautada na coletividade; para a criação de porcos instituíram uma forma de identificar os animais de acordo com os seus donos, para que, assim, pudessem deixá-los soltos.

Vamo dizê a senhora morava perto, a senhora marca o porco na orelha esquerda, e eu na orelha direita e podia saí um porco

como daqui lá no tope, enxergava um porco lá ninguém pegava, criação a mesma coisa marcada, com uma marca o que não tinha marca podia marca, que era dono naquele tempo. [...]. (Lizário Ferreira, 95 anos – Linha Nossa Senhora de Lurdes/Chapecó).

Esse modo de se organizar levava em consideração o respeito aos vizinhos e propiciava uma vivência em harmonia. É expressa, na fala dos caboclos, a prática do puxirão, uma organização representativa da coletividade: eles faziam um roteiro que permitia que todos fossem ajudados. Por isso, alguns chamam o puxirão de *ajutório* (no significado da palavra: ajuda/auxílio):

[...] era o seguinte, a época de puxirão seria a época de planta e colheita, então digamos que a partir do mês de setembro, agosto era feito o puxirão para *roçá*, entendeu, *roçá* a capoeira, mato e tal, e aí, quando vinha na época de *colhê* o feijão, dezembro e janeiro, o a colheita do trigo era de novo puxirão, o puxirão era mais escolhido quando tinha família, que tinha bastante planta, ficava doente e não tinha ninguém escolhido, aí eu chegava dizia, *escuta vamo ajudá fulano lá, e nós ia ajudá*. (Cassiano Ferreira de Castro, 68 anos – Chapecó, grifos nossos).

O puxirão também era sinônimo de cuidar do próximo. Um ato de fazer e de organizar-se, levando em consideração o coletivo e não o individualismo. As festas também merecem destaque, no contexto caboclo. Diferente do que ocorre na atualidade, não visavam lucro e não tinham apoio das instituições oficiais para desenvolvê-las, por isso, organizavam-se entre si, cultivando sua religiosidade, suas músicas e seu lazer.

A festa do Divino era realizada gratuitamente e demonstrava o seu caráter social, feita com ajuda de todos, somando coletividade, organização e sociabilidade.

A festa do Divino tinha a bandeira do Divino, eu tenho, a igreja ali em cima tem a bandeira do Divino, aquele tempo eles caminhavam, os folião, né?, os folião em casa em casa, chegava o tempo, passava o domingo de páscoa a bandeira começava a caminhar, em toda a parte, ia para longe, o povo dava, um leitão outro galinha e até boizinho davam pra festa, né?, todo mundo, naquele tempo era uma festa, dia que chegava por exemplo a bandeira na minha casa hoje, amanhã posava aqui a bandeira e amanhã sai caminha, e tinha que acompanha, tinha tambor que tocava, né?, tinha um que batia uma catraca que batia, matraca, tinha folião que cantava, chegava na casa e cantavam, quando era pra sair com a bandeira que posava agradecia o dono da casa cantando, era muito bonito [...]. O dia do Divino nunca cai só num dia, né?, é quarenta dia depois do domingo da Páscoa, é o dia do Divino. (Rita Fernandes da Silva, 78 anos – Chapecó).

Essa mesma festa é realizada no litoral catarinense e também no Rio Grande do Sul, apresentando características muito parecidas. A origem dessa festa é portuguesa e, na atualidade, é desenvolvida em diversos lugares do Brasil, ressignificada em cada região, de acordo com o processo de colonização. Sua representação e única simbologia é a pomba branca, cultuada de forma intensa (Cascudo, 2001). O processo de colonização, no Sul do Brasil, possibilita a compreensão de que a migração açoriana foi a principal responsável pela reprodução dessa festa. Com isso, em alguns lugares é bastante valorizada. Por outro lado, quando essas manifestações foram desenvolvidas pelos caboclos do Oeste catarinense, acabaram sendo marginalizadas, junto a outras manifestações culturais dessa etnia.

Num espaço em que o acesso à comercialização de produtos era raro, os caboclos deixam transparecer, em suas falas, os saberes e fazeres de sua casa, até os utensílios domésticos, instrumentos musicais, brinquedos para os filhos e tantas outras atividades em que eles remetem ao fazer, e o fazem no coletivo. A casa dos caboclos, como foi mencionado anteriormente, era feita com ajuda dos vizinhos, incluindo todos os processos de construção, caracterizados principalmente pelo aspecto de chão batido e por serem cobertas de folhas de coqueiro ou de tabuinha (tábuas).

Compreendendo a formação do povo brasileiro, é possível entender o caboclo como um *Brasil* dentro dos *brasis*, porque se fazem brasileiros, porque sua cultura apresenta o resultado dessa miscigenação, porque constroem uma nova forma de vida e a dizem para a sociedade em que vivem.

Além de pensar as condições a que foram sujeitados, na perspectiva social, no coletivo puderam se fazer em todos os aspectos que envolviam a sua cultura e esta se dá a partir do processo de miscigenação/hibridação, num cenário em que “[...] a hibridez tem um longo trajeto nas culturas latino-americanas. Recordamos, antes, as formas sincréticas criadas pelas matrizes espanholas e portuguesas com a figuração indígena.” (Canclini, 2015, p. 326). Nesse sentido, cabe refletir o que Canclini (2015) aponta, ao se referir ao conceito de híbrido: uma forma de melhor conviver em meio às transformações decorrentes dos processos modernizadores, mas se faz necessário compreender o que cada um perde ou ganha ao hibridar-se.

O reconhecimento enquanto caboclo

Alguns aspectos encontrados nas falas dos entrevistados direcionam-se para o entendimento do que eles compreendem por ser caboclo. É possível pensar a sua identidade pelo que entendem de si mesmos e quais são as relações/manifestações que os levam a se identificar como tal. “Nós somos caboclos e brasileiros, nascemos no Brasil.” (Saturnino Gonçalves, 73 anos – Caxambu do Sul).

No estudo sobre o modo como os censos desenvolvidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) denominam os caboclos, inferimos que o instituto não apresenta uma definição para essas pessoas. Outro aspecto é que esteve muito associado aos indígenas. Por outro lado, ao mesmo tempo que os caboclos dizem de sua relação com os povos indígenas, eles não se dizem indígenas, mas caboclos, porque não se veem como tal, tampouco como europeus ou africanos.

O dicionário etimológico da língua portuguesa define a palavra caboclo como “[...] índio, mestiço de branco com índio, indivíduo de cor acobreada e cabelos lisos. Do tupi *Kari 'uoka* (*Kara 'iua* ‘homem branco’ + *’oka* ‘casa’).” (Cunha, 2010, p. 108). Discordamos da abordagem relacionada à cor da pele e ao tipo específico de cabelo, pois questões como aspectos físicos não podem definir uma etnia que se desenvolve nas mais diversas regiões do país. Por outro lado, a origem da palavra reafirma a sua ligação com os povos indígenas, do mesmo modo que os caboclos deixaram isto transparecer, em suas falas.

Renk (2004), ao abordar os brasileiros do Oeste catarinense, descreve que a nomenclatura cabocla foi dada à população que já habitava a região, pelos colonos que chegaram depois. Os aspectos históricos proporcionam o entendimento de que essa cultura foi margi-

nalizada e ainda sofre com o processo de construção e representação de sua identidade, por parte da sociedade que a cerca.

A partir do estudo das falas dos entrevistados analisadas neste trabalho, é possível constatar a sua identificação com o termo *caboclo*, em aspectos que descrevem o jeito de ser caboclo, que é diferente dos colonos, dos indígenas ou dos africanos. Essa identificação está além da resposta deles, quando questionados sobre ser caboclo ou brasileiro, mas está expressa nas suas formas de dizer o caboclo nas suas atividades cotidianas.

Quando questionados sobre ser caboclo ou brasileiro, a maioria deles responde que são caboclos, mas também relacionam sua identidade com o ser brasileiro. Ser caboclo é viver de uma dada maneira, identificando um jeito de ser. Nos primeiros tempos da vida, no Oeste catarinense, os caboclos faziam do fogo de chão a sua característica: não eram indígenas, mas ressignificavam o que aprendiam com eles. Dizem que são caboclos porque se criaram no fogo de chão, com todas as relações que essa vivência proporcionava.

A alimentação também é tida como parte do “ser caboclo”: “[...] o caboclo não tomava nem café só água doce, só comida de sal e depois ia para o serviço.” (Luiz Fortes, 41 anos – Chapecó). Eles se diferenciavam, na sua gastronomia, sendo o revirado o prato principal.

Também apresentam como parte da formação histórica que permitia o reconhecimento enquanto caboclo, a figura de São João Maria. Ele aparece nas mais diversas manifestações e tem presença marcante na constituição da identidade dessa etnia. “O protetor dos caboclos sempre foi São João Maria, né?...” (Elza Correia de Arruda, 55 anos – Barra do Rio dos Índios/Chapecó). Compreendemos que a figura do monge tem suas representatividades em diversos lugares da

América. Na região em estudo, ele se torna parte dos diversos aspectos que identificam os caboclos.

Há, ainda, uma certa dualidade constituída, pois quando essa etnia se configura como cabocla, está se dizendo brasileira, em virtude do processo de miscigenação e também pelo fato de que não buscaram a hierarquização de uma única cultura, ao contrário dos colonos, que mantiveram a sua cultura trazida do velho mundo para a região em estudo. “Mas sempre, sempre, a gente nunca foi como diz o ditado trocado de... [...] como se diz, de costume que a gente é caboclo, nunca fui nem gringo, nem polaco, nem alemão, nem nada, a vida de caboclo sempre... sempre um foguete no chão, um fogão à lenha.” (Saturnino Gonçalves, 73 anos – Caxambu do Sul).

O reconhecimento enquanto caboclo vem do seu modo de vida, vem da forma como se relacionam entre si. Está no jeito de plantar, de colher, de se alimentar, de crer e construir suas moradias. Se compreendermos o sentido da palavra etnia, que significa povo, pessoas que partilham dos mesmos costumes e modos de vida, é possível dizer a etnia cabocla da região Oeste catarinense, assim como tantas outras, presentes nela. É por isso que dizemos o caboclo pela sua cultura, pois, através da significância que atribuem a ela, é possível que a representação de sua etnia seja dita por si mesma. Ainda: são caboclos porque se reconhecem como tal e fazem desse reconhecimento a sua condição de existir social e culturalmente, no ambiente em que vivem.

No cenário da identificação enquanto caboclo, emergem as lendas e histórias que se entrelaçam no cotidiano caboclo, de modo que a construção de suas lendas se dá por meio de fatos do seu cotidiano. Para Guisso e Bernardi (2017), é possível compreender o mito como parte da história dos povos. Nesse sentido, as lendas que permeiam o cotidiano da cultura em estudo fazem parte da sua história.

Esse imaginário também revela uma característica do “ser caboclo”, no sentido de que se diferem das histórias expressas por outras etnias da região. “Existe lenda do caboclo, o caboclo acreditava muito na lenda de lobisomem, até tem uma história, que eu vou contar para vocês...” (Rita Fernandes da Silva, 78 anos – Chapecó). As histórias dizem a identidade cabocla, pois eles reconhecem que esta é uma característica sua que é diferente daquela reproduzida pelos outros que também conhecem a lenda. Isso propõem o processo de resignificação que ocorre nos mais diversos contextos da cultura brasileira e é diferenciado em cada região.

Entre as histórias, também encontramos aquelas relacionadas aos espíritos, ou do modo que eles os denominam: as visagens. Elas estão associadas ao fato de que as almas de algumas pessoas são designadas para ser guardiãs de algum tesouro, de modo que chamam de “mãe do ouro”. “Existia na época muito... não tem aqui na minha terra aqui, desce até hoje aqui naquele mato desce um fogo no meio do mato, mas dizem que é ouro.” (Moacir Brisola, 51 anos – Linha São Pedro B/Chapecó). Em outros relatos, as visagens se referem apenas à alma de alguma pessoa que vaga pelo mundo.

A “mãe do ouro”, na definição do *Dicionário do folclore brasileiro*, “[...] é um mito, inicialmente meteorológico, ligado aos protomitos ígneos, posteriormente ao ciclo do ouro [...]. Apresenta-se com formas variadas aos olhos do caboclo ou de outros que nela acreditam.” (Cascardo, 2001, p. 350). Para o autor, essa lenda está presente nas mais diversas regiões do país e conta sobre uma mulher que é chamada de mãe do ouro, a qual perpassa várias histórias, em meio ao povo, sobre ela. Ainda,

[...] daí eu, descendo a serra, de repente uma fantasma, uns diziam que era a mãe do ouro, outros diziam que não, o que era, daí ela vinha vindo aquele fantasma, aquela coisa de fogo que vinha rodando chego numa baixada ela se escondeu, *ficô* só aquele clarão e aquele *faisquedo*, sumiu eu até contei, uns diziam que era mãe do ouro, outros que era descarga elétrica... (Luiz Romildo Berlotto, 50 anos – Linha Zona Alta/Piratuba).

Diz a lenda que é justamente quando a mãe do ouro transporta o tesouro escondido de um lado para o outro que vemos essa “bola de fogo” (Casculo, 2001). Desse modo, entende-se o universo dos mitos e lendas dos caboclos da região como um ressignificar do processo dessas lendas que fazem parte da formação histórica do país e que ganham vida também no Oeste catarinense.

Soma-se às análises, ainda, o fato de que eles percebem que as histórias de antigamente estão sendo apagadas, com o tempo, e deveriam ser mais valorizadas. Nesse cenário, o “resgate” desses aspectos culturais pode possibilitar um ressignificar dessas histórias, visto que elas têm pouca visibilidade, no cenário cultural da região. “Tanta lenda, que devia ser preservada tal, foi tudo água abaixo, tinham coisas que podiam ser preservado, por exemplo, coisa de religião essas coisa, não foi pegado nada e foi tudo destruído, né?...” (José Leonardo Rosa de Oliveira, 61 anos – Xanxerê).

Palavras finais

Consideramos que a figura do monge João Maria de Agostini se revela de maneira significativa, no contexto histórico da formação da identidade cabocla da região, havendo a necessidade de valoriza-

ção da representatividade do monge, para essa cultura. A coletividade mostra que esse grupo tem muito a oferecer para uma sociedade que se preocupe com o outro e oportunize a compreensão da diferença como algo essencial para o país. O reconhecer-se caboclo revela a necessidade de observar que as identidades mudam e se fazem necessárias para a formação de cada povo/etnia.

Os caboclos construíram sua cultura, em um processo que a faziam ao seu modo, lembrando suas raízes, reconstruindo-se e desenvolvendo o caboclo do Sul. Os elementos do fazer caboclo revelam símbolos que possibilitam a sua representação enquanto etnia, pois, na busca por existir socialmente, se faz necessário ser percebido como distinto (Bourdieu, 1996). Ser percebido como distinto na sua cultura, mas também reivindicar um tratamento igual, pois constroem sua cultura de modo que a representem no mundo. Nesse sentido, suas manifestações sociais/culturais são tão importantes quanto qualquer outra (Kuper, 2002). Ainda: essas diferenças não podem ser vistas como sinônimos de melhor ou pior, já que as culturas nacionais não podem ser unificadas, mas constituídas de um dispositivo discursivo em que a diferença é representada como unidade ou identidade (Hall, 2000).

Compreendemos que o caboclo precisa ser representado pela sua cultura, pela sua diferença enquanto etnia que se constitui no seu fazer social e cultural. Faz-se relevante compreender as origens de seus fazeres para constituir uma análise da ressignificação que ele desenvolve, nos seus aspectos culturais, assim como tantos outros, no país. E, ainda, que sua cultura precisa ser dita de igual valor entre tantas.

Na região em estudo, observa-se a existência de uma hegemonia no que se refere à valorização de grupos que fazem parte do seu con-

texto histórico. Esse cenário se revela na referência que se faz a essa região, como sendo terra de colonos desbravadores que recebem, em sua homenagem, nomes de ruas, monumentos, festividades e outras representações, enquanto que a cultura cabocla que tem contribuições significativas, desde o início da colonização, tem ficado obsoleta (Renk, 2014). Tornam-se obsoletos os processos de exclusão de povos indígenas e caboclos ocorridos em nome do progresso.

Portanto, este trabalho contribui para a rememoração e valorização da etnia cabocla no Oeste catarinense, compreendendo que seus modos de vida se constituíram de maneira diferenciada e revelam uma forma de ver o mundo tão importante quanto qualquer outra.

Assim, o caboclo se faz por meio do entrecruzamento de culturas que refletem a sua brasilidade, na região em estudo, e mostram que seus aspectos culturais também merecem ser lembrados e valorizados. O estudo oportuniza também dizer que ser caboclo não é sinônimo de pele morena (ou acobreada, como a descreve o dicionário etimológico da língua portuguesa e, assim, isto também é compreendido por muitos) tampouco por características físicas, mas pelo seu modo de vida, pela sua forma olhar o mundo. E, sendo uma cultura como tantas, no Brasil, também muda com o tempo e vai ganhando novas significações.

Oportunizar o (re)conhecimento do “ser caboclo” é permitir que muitos possam compreender o seu próprio contexto histórico, já que a marginalização de alguns grupos ocasionou uma certa camuflagem e a insegurança de assumir a identidade cabocla. Dessa forma, oportuniza lembrar essa cultura positivamente e dizer também das suas belezas.

Por fim, este estudo abriu portas para discutir a cultura cabocla na escola, problematizando o modo como a educação aborda o tema. Consequentemente, fez-se uso da análise documental, para dialogar com professores da rede municipal de ensino de Chapecó, SC, através de pesquisa de campo. Tais análises podem ser acessadas na dissertação completa (Souza, 2019).

Referências

- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. 6. reimp. São Paulo: EDUSP, 2015.
- CASCUDO, L. da C. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. São Paulo: Global, 2001.
- CASTELLS, M. **Fim de milênio**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CEOM – Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (org.). **Inventário da cultura imaterial cabocla no oeste de Santa Catarina**. Chapecó: Argos, 2008. 127 p.
- CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- GUISSO, C. M. S.; BERNARDI, L. T. M. S. O significado da sociocosmologia nas histórias dos *Kofa Ag*: o mundo e a vida kaingang. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 143-166, jul./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-6524.72932>.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Recenseamentos do Brasil, 1872 a 2010**. [s.d.]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso em: 14 jun. 2018.

KARSBURG, A. de O. **O eremita do Novo Mundo**: a trajetória de um italiano pelos sertões brasileiros no século XIX. 2012. 480 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/imagens/dossies/contestado/trabalhos/KARSBURGAlexandre.pdf>. Acesso em: 8 set. 2019.

KUPER, A. **Cultura**: a visão dos antropólogos. Bauru: EDUSC, 2002.

MARCON, T. **Memória, história e cultura**. Chapecó: Argos, 2003.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. **Análise textual discursiva**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2016.

FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal. **Terra açoriana**: o legado dos açores em Santa Catarina. Edição exclusiva, nov. 2017. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/08_12_2017_13.48.20.a28cf39358a0046ccec377ea0485c5d1.pdf. Acesso em: 2 set. 2019.

RENK, A. A colonização do oeste catarinense: as representações dos brasileiros. **Revista Cadernos do CEOM**, Chapecó, v. 19, n. 23, p. 37-72, 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/141>. Acesso em: 2 set. 2019.

RENK, A. **Narrativas da diferença**. Chapecó: Argos, 2004.

SOUZA, M. de. **A cultura cabocla do Oeste catarinense e a escola**: histórias não ditas. 2019. 288 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó,

2019. Disponível em: <http://konrad.unochapeco.edu.br:8080/pergamumweb/vinculos/00010b/00010b01.pdf>. Acesso em: 2 set. 2019.

WELTER, T. **O Profeta São João Maria continua encantando no meio do povo**: um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria em Santa Catarina. 2007. 269 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/90220/246402.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 2 set. 2019.